

Queda de renda é mais grave no Rio

Perdas do trabalhador fluminense chegam a 16% em 12 meses, contra média nacional de 14,6%

ALBERTO KOMATSU

A queda da renda pesou mais no bolso do trabalhador do Rio de Janeiro. Enquanto no país o rendimento médio das pessoas ocupadas encolheu 14,6% em setembro, na comparação com o mesmo mês do ano passado, no Grande Rio o recuo foi maior: 16%, em um ano, pior resultado entre as seis metrópoles pesquisadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Pesquisa Mensal de Emprego (PME).

O pesado impacto da retração dos salários das pessoas ocupadas sobre o Rio, contou Katia Namir, economista da Coordenação de Emprego e Rendimento do IBGE, é consequência da queda de 21,2% da renda dos chamados trabalhadores por conta própria. Nesta categoria, estão ambulantes, prestadores de serviços autônomos (como eletricitistas e encanadores) e profissionais liberais que amargaram a maior retração de rendimento entre as categorias de trabalhadores pesquisados pelo instituto. Não por coincidência, também foi o contingente de emprego que mais cresceu no Estado (11,1%). E são os mais suscetíveis de redução da renda.

A categoria que mais sofreu com a queda dos rendimentos foi o trabalhador por conta própria, que tem o maior peso na categoria de pessoas ocupadas (23,4%). Por isso a queda foi mais acentuada no Rio – afirmou Katia.

O estudante Diego Andrade, de 19 anos, é prova viva do aumento do contingente de ambulantes no Rio. Há um mês, foi demitido da função de balconista de uma padaria perto de sua casa, em Magé, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e tornou-se mais um dos inúmeros camelôs espalhados pelo Centro do Rio. Além da voz rouca de tanto gritar ("Um doce é dez. Dez é um real"), viu seus rendimentos caírem pela metade. No velho emprego, ganhava um salário mínimo e meio. Hoje, não consegue nem R\$ 100 por mês.

O emprego da padaria era com carteira assinada e eu ainda tinha todos os direitos trabalhistas. Hoje, não tenho garantia alguma e

ainda, a qualquer momento, posso perder todos os meus doces se a Guarda Municipal me pegar – afirmou.

Descrente com o atual governo, ele não acredita em melhoras.

– Em um mês já vendi meus brigadeiros em vários bairros. Mas a melhor freguesia é a do Centro. Espero que esse seja apenas o meu emprego temporário de Natal porque, ganhando só R\$ 90 por mês, não dá para sobreviver. Mal paga a passagem – acrescentou.

Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação

Getúlio Vargas (FGV), lembra de outro fator que contribuiu para o Rio ter registrado a maior queda da renda em um ano: 76% da população do Rio vive na Região Metropolitana.

A PME captou melhor a situação do trabalho no Rio, onde o reflexo (da queda de renda) foi mais forte porque a categoria conta própria foi a que mais perdeu – ressaltou o economista da FGV.

Foi o que aconteceu com Sandra Pereira, de 42 anos, que deixa os seus três filhos, Gabriel, de 4 anos, Fernando, 6, e Isabela, 5, com os vi-

zinhos no bairro em que mora, em Nilópolis, para ir trabalhar no Centro do Rio de Janeiro, como ambulante. Depois de mais de uma hora de viagem, ela monta a sua mesa de balas, no meio da Avenida Rio Branco, e espera os fregueses.

– Essa é a minha vida há mais de três anos. Apesar do tempo passar, o ganho não mudou muito. Chega a R\$ 150 em mês bom. Antes trabalhava como telefonista e ganhava um salário mínimo – disse Sandra.

A volta ao mercado de trabalho, ela admite, é um sonho distante. – Eu sofro muito preconceito porque, além de ser negra, ainda tenho paralisia infantil. E, nessas condições, conseguir um emprego é bem mais complicado – concluiu ela.

O avanço dos trabalhadores por conta própria, contou Katia, do IBGE, é reforçado com dados negativos de outros setores do mercado de trabalho. O número de empregados com carteira, por exemplo, desabou 15,6% em setembro. Entretanto, ela ressaltou que, de maio para cá, os resultados no Rio podem ser considerados "mais estáveis".

A economia do Rio vem apresentando um crescimento lento desde o início da década de 80. Então o mercado está mais acostumado com essa situação. Por outro lado, o setor de serviços, que tem peso significativo, está mais suscetível às variações conjunturais (mais positivas) – analisou Katia.

Segundo a economista do IBGE, 80,3% dos trabalhadores do Rio estão ligados ao setor de serviços. Outros 12,4% estão na indústria e 7,3% dos empregados são do segmento de construção.

O Rio também puxou para baixo o desempenho de outra categoria profissional. Katia ressaltou que a queda de renda resultou na redução de 10% no número de empregados domésticos na região metropolitana da cidade em setembro, na comparação com igual mês do ano passado. Foram eliminadas 39 mil vagas em apenas um mês. Com isso, o desemprego entre as domésticas nas seis metrópoles pesquisadas pelo instituto subiu para 6,2%.

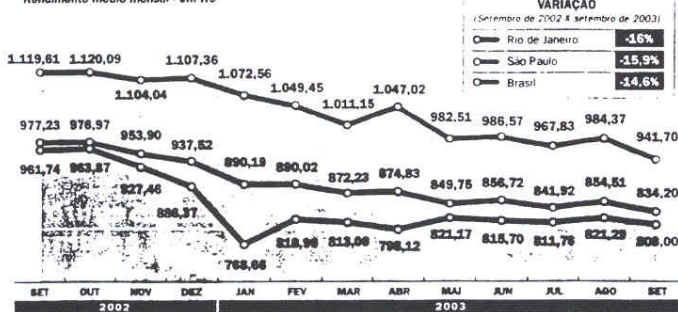
Com Bruno Rosa



Diego, 19 anos, foi demitido há um mês e se tornou camelô: renda caiu à metade

Salários em queda

Rendimento médio mensal - em R\$



VARIAÇÃO

(Setembro de 2002 a setembro de 2003)

— Rio de Janeiro	-16%
— São Paulo	-15,9%
— Brasil	-14,6%

Divergências sobre a retomada

O prazo de tempo para os trabalhadores obterem um nível de renda capaz de realimentar o crescimento econômico e incerto para economistas ouvidos pelo Jornal do Brasil. Por um lado, há quem acredite que a recuperação se iniciará até o fim deste ano. De outro, no entanto, surgem apostas de que os salários só serão recompostos nos próximos 12 meses. Consenso, só com relação ao resultado final: reaquecimento das vendas do comércio e retomada da atividade industrial, entre outros sinais de desenvolvimento econômico.

– Ela (a renda) começa a crescer já agora, até o fim deste ano, por um efeito estatístico: a inflação acelerou muito na primeira metade do ano e isso fez com que os salários se desvalorizassem – afirmou Julio Sergio Gomes de Almeida, diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Idi).

A expectativa de Almeida está baseada nas negociações salariais em curso neste último trimestre. Com isso, haveria uma recomposição parcial da renda, suficiente para promover um reaquecimento das vendas de fim de ano. Ele enfatizou, no entanto, que a perda real de salário para o trabalhador deveria ficar em até 7% em 2003. E esse índice só será recuperado, contou o economista, no primeiro semestre do ano que vem.

– No segundo semestre do ano que vem, a renda e o emprego devem crescer em ritmo normal – disse.

Para ele, os setores da indústria mais castigados com a estagnação da economia, como vestuário, calçados e materiais plásticos (que acumulam retração média de 20%, lembrou Almeida) só devem recuperar a produtividade “daqui a três anos”.

– O cenário para 2004 é bem mais positivo, até porque a gente

está no fundo do poço na questão da renda – afirmou Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Para o país obter uma recuperação sustentada da renda, contou o economista, é preciso que haja recuperação dos investimentos.

– Uma recuperação rápida da economia não é difícil de ser gerada. É difícil uma recuperação sustentada, que depende da retomada dos investimentos – afirmou.

– O principal fator para a queda da renda foi a aceleração da inflação a partir do fim do ano passado – avaliou Paulo Levy, economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Para ele, a renda do trabalhador brasileiro só deverá promover o reaquecimento da economia nos próximos 12 meses.

acomunidade.com.br



“O cenário para 2004 é bem mais positivo, até porque estamos no fundo do poço”

MARCELO NERI
CHEFE DO CENTRO DE
POLÍTICAS SOCIAIS FGV



“O principal fator para a queda da renda foi a aceleração da inflação no fim do ano passado”

PAULO LEVY
ECONOMISTA DO IPEA



“No segundo semestre do ano que vem, a renda e o emprego devem crescer em ritmo normal”

JULIO DE ALMEIDA
DIRETOR-EXECUTIVO